

Morre Rainha Elizabeth 2ª, rainha por 70 anos

Mais longeava rainha da história britânica, Elizabeth 2ª morre aos 96

Discreta, soberana deixa como maior legado preservação da confiança na monarquia, apesar das crises internas da família real

TRAJETÓRIA

João Batista Natali

A rainha Elizabeth 2ª, que por sete décadas ocupou o trono britânico e se tornou um símbolo da monarquia em todo o mundo, morreu nesta quinta-feira (9), aos 96 anos. Seu filho mais velho, o agora rei Charles 3º, é seu sucessor. A morte foi confirmada pelo Palácio de Buckingham depois da informação de que ela estava sob cuidados médicos e que a família mais próxima havia sido chamada ao Castelo de Balmoral, na Escócia, onde a rainha passava o verão. Dois dias antes, Elizabeth deu posse à nova primeira-ministra britânica, Liz Truss. Segundo comunicado oficial, que chamou Charles de rei e sua mulher, Camilla, de rainha consorte, ela "morreu serenamente". O novo monarca divulgou uma nota dizendo que a morte da mãe é um "momento de grande tristeza" que será sentido "por todo o Reino Unido, a comunidade Commonwealth e o mundo". "Nesse período de luto e mudança, minha família e eu sentimos conforto e apoio porque temos consciência do respeito e da afecção pelos quais a rainha era conhecida", afirmou. Em um pronunciamento em Londres, Truss disse que a rainha foi "o próprio espírito do

Reino Unido" e uma inspiração para ela e para muitos britânicos — "a rocha sobre a qual se erigiu a Grã-Bretanha moderna". Do papa Francisco ao presidente russo Vladimir Putin, líderes mundiais prestaram condolências à família real, incluindo o americano Joe Biden, o francês Emmanuel Macron e o brasileiro Jair Bolsonaro — este último decretou três dias de luto e disse que a chefe da monarquia britânica foi "uma rainha para todos nós". Ao longo do dia, uma multidão de curiosos e admiradores se reuniu no entorno do Palácio de Buckingham, em Londres, para prestar homenagens àquela que foi chefe de Estado por 70 anos. Preocupações com a saúde de Elizabeth vinham se avolumando há meses, principalmente desde que ela passou uma noite no hospital, em outubro de 2021, por motivos não totalmente esclarecidos pela monarquia. Desde então, ela cancelou a participação em diversos eventos públicos — inclusive alusivos à celebração de seu Jubileu de Platina — e mesmo reuniões virtuais em decorrência de "problemas de mobilidade". Em fevereiro de 2022, chegou a receber o diagnóstico de Covid-19, mas se recuperou. Elizabeth passará para a história como a soberana britânica de mais longo reinado. Em julho de 2015, ela superou

os 63 anos e cinco meses de trono da rainha Vitória (1837-1901), cuja coroa, no entanto, tinha um peso bem maior de um imenso império colonial, hoje não mais existente. Em junho deste ano, superou os 70 anos e 126 dias de reinado da rainha Isabel II da Espanha, morta em 2016 — ela só ficou atrás de Luís 14, que só ficou por 72 anos e 110 dias, de 1643 a 1715; o francês, porém, se tornou soberano de fato aos 23 anos, tendo assumido o trono aos quatro. De maneira discreta, Elizabeth deixa como trunfo a preservação da confiança na Coroa, ainda que a mídia tenha destrinchado — de forma quase impiedosa — as crises internas da família real em seu longo reinado. Em 1992, em discurso comemorativo aos 42 anos de sua coroação, afirmou que aquele ano fora um "annus horribilis" (horível, em latim), referindo-se aos divórcios quase simultâneos do príncipe Andrew, seu segundo filho, com Sarah Ferguson, e da princesa Anne, sua única filha mulher, com Mark Phillips. A rainha já tivera tempo para se acostumar aos escândalos. Sua irmã, a princesa Margaret (1930-2002), fora amante de um plebeu divorciado e pai de dois filhos, Peter Townsend, casando-se depois com o fotógrafo Antony Armstrong-Jones, de quem

se divorciou. Depois, passou a colecionar namorados. O pior viria em 1996, com o divórcio de Charles e Diana Spencer, que no ano seguinte morreria em um acidente de carro, em Paris, junto com o companheiro Dodi al-Fayed. A comição gerada pela morte de Lady Di, que recém-completou 25 anos, contrastou com os cinco dias de silêncio da rainha, o que fez despencar sua popularidade. Mais recentemente, a chefe da monarquia britânica viu seu filho tido como favorito, o príncipe Andrew, envolvido em um escândalo ao virem à tona denúncias de que manteve relações sexuais com uma adolescente de 17 anos em 2001, vítima



do esquema de tráfico sexual do bilionário Jeffrey Epstein. Elizabeth não nasceu para ocupar o trono. Sua vida mudou quando tinha dez anos. Seu tio, Eduardo 8º, renunciou para se casar com a socialite americana Wallis Simpson. O irmão dele, George 6º, tornou-se rei, e a princesa, caso não nascesse um irmão de sexo masculino, seria a sucessora da dinastia de Windsor. Foi o que aconteceu na abadia de Westminster, em 2 de junho de 1953. Pela primeira vez, no Reino Unido, uma coroação era transmitida pela TV. Elizabeth assumia também como chefe de Estado de um grupo de países historicamente vinculados ao antigo Império Britânico, como Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Com funções políticas apenas simbólicas — nomear como primeiro-ministro o líder do partido majoritário —, Elizabeth 2ª assistiu passivamente à desintegração do império e à transformação em república de antigos territórios coloniais. Foi um longo e contínuo sopro de história que não a afetou. Ela discretamente criticou decisões do governo, como a invasão franco-britânica do Egito para recapturar o Canal de Suez, em 1956, o aumento do desemprego quando a premiê era Margaret Thatcher, nos anos 1980, ou, 20 anos depois, o número excessivo de militares que Tony Blair enviou ao Iraque e ao Afeganistão. Apoiou em 1983 a Guerra das Malvinas — reconquista do arquipélago ocupado pela à época ditadura argentina. Orgulhava-se de ter seu filho Andrew entre os militares enviados ao Atlântico Sul. Também, e sempre discretamente, preocupou-se com o desapego à monarquia do primeiro-ministro canadense Pierre Trudeau (1919-2000) e teria ficado furiosa quando os Estados Unidos invadiram, em 1983, Granada — um arquipélago do Caribe do qual Elizabeth 2ª era a chefe de Estado. Um monarca britânico deve se manter institucional-

mente de boca fechada. Foi uma das regras do jogo a que Elizabeth se sujeitou, para não se deixar contaminar pelo desgaste dos sucessivos gabinetes que testemunhou. As poucas exceções a essa regra de comportamento político vieram com discrição, como o elogio que fez à União Europeia, ao visitar Berlim em junho de 2015, no mesmo momento em que o então primeiro-ministro David Cameron se dispunha a convocar um plebiscito pela saída do Reino Unido do bloco. Realizada no ano seguinte, a votação acabou levando ao Brexit. Foi casada com Philip, nobre greco-alemão de família fortíssima, com quem teve três filhas e uma filha além de Charles, o príncipe herdeiro, a princesa Anne e os príncipes Andrew e Edward. Elizabeth disse ter se apaixonado pelo futuro duque de Edimburgo na primeira tarde que passaram juntos. Ela tinha 13 anos, e ele, 18. O pedido de casamento foi feito em 1946, e ela aceitou na hora, sem consultar os pais. O rei permitiu, desde que eles só anunciassem a união depois que ela completasse 21 anos. Philip morreu em abril de 2021, dois meses antes de seu centésimo aniversário e pouco depois de passar por procedimentos cardíacos, para os quais ficou quatro semanas hospitalizado. A morte de Philip foi seguida de uma série de questões relacionadas à saúde de Elizabeth, que recebeu a recomendação de deixar de ingerir álcool diariamente. De acordo com a revista Vanity Fair, a rainha gostava de beber, quase todas as noites, um dry martini. Esses problemas, no entanto, não a faziam sentir velha. Aos 95 anos, recusou o prêmio de "Oldie of the Year" (velho do ano), concedido por uma publicação britânica a membros das gerações mais velhas que contribuíram com a sociedade, porque "uma pessoa é tão velha quanto se sente". O título não fará nenhuma falta à soberana do mais longo reinado da história do Reino Unido.



A rainha Elizabeth 2ª chega ao palácio de Buckingham após discursar no parlamento. Luan Nasil/18.mai.16/AFIP

Repercussão

Charles 3º
filho de Elizabeth 2ª e o novo rei inglês
"A morte de minha amada mãe, Sua Majestade a Rainha, é um momento de grande tristeza para mim e todos os membros da minha família. [...] Temos consciência do respeito e da afecção pelos quais a rainha era conhecida."

Liz Truss
primeira-ministra do Reino Unido
"A rainha Elizabeth 2ª foi a rocha sobre a qual o Reino Unido moderno foi erguido. Nosso país floresceu sob seu reinado. [...] Hoje é dia de uma grande perda, mas grande também é o legado da rainha Elizabeth 2ª. Deus salve o rei."

Joe Biden
presidente dos EUA
"Ela foi a soberana britânica com quem indivíduos de todo o mundo sentiam uma conexão pessoal imediata. [...] E ela, por sua vez, dedicou toda a sua vida a servir seu povo."

Emmanuel Macron
presidente da França
"[Ela] incorporou a continuidade e a unidade da nação britânica por mais de 70 anos. Lembro-me dela como uma amiga da França, uma rainha de bom coração que deixou uma impressão duradoura em seu país e em seu século."

Vladimir Putin
presidente da Rússia
"Por muitas décadas, Elizabeth 2ª corretamente contou com o amor e o respeito de seus súditos e com autoridade na arena global. [...] Desejo coragem e resiliência diante dessa perda difícil e irreparável."

Papa Francisco
"Eu me unio a todos que lamentam essa perda em oração pelo descanso eterno da rainha, e em homenagem a sua vida de serviço incansável pelo bem da nação. [...] Invoco uma abundância de bênção divina em um pedido de conforto e força em Deus."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Rainha Elizabeth 2º 1926 - 2022 **Página:** 2